

## *A modalidade do contingente e o falo<sup>1</sup>*

*Edméa Roque*

Vou partir da afirmação lacaniana de que a experiência da análise supõe do desejo sua inscrição por uma contingência corporal. O termo contingência tem como suporte o falo, como ponto chave, o ponto extremo, do que se enuncia como causa do desejo. Aqui reside a ponta do que se chama contingência, onde, na experiência analítica *cessa de não se escrever*. *Cessa de não se escrever*, então, se escreve. O necessário, introduzido pelo não *cessa de se escrever*, nos leva aparentemente à análise da referência do falo, o não *cessa de não se escrever*, o impossível, designa, na relação sexual, o falo, enquanto não *cessa de não se escrever*.

Temos um nó, porque constatamos, pela experiência, que o sujeito caminha insistentemente na direção de fazer relação onde não há, portanto, insiste em tomar o falo como instrumento possível de realizar tal artimanha.

Lacan enuncia como uma questão lógica que não há relação sexual, porque não há, no inconsciente, a inscrição da diferença homem-mulher. No início, não se tem idéia disso, no entanto, podendo-se dirigir uma fala ao analista, abrem-se questões para o ser falante, enquanto marcado pelos efeitos de gozo que o significante produz na linguagem; também é possível escutar alguma coisa do que fala e perguntar-se como vem funcionando frente ao mal-estar que se instaura na hiância aberta pela carência da relação sexual.

Os matemas lacanianos representam operações de leitura e, na tarefa analítica, tomam valor de funções no discurso. O que se trata de escrever na função fálica, fi de x, é que, para todo ser falante, a relação sexual faz questão. Está aí nossa experiência, precisamente o que se trata de escrever desta função, estando sem dúvida uma articulação entre o que se elabora como lógica e seu efeito considerado como real, efeito lógico do impossível de que a relação sexual não *cessa de não se escrever*. Esse matema funda o que é da função que regula o que pertence à nossa experiência, nisso que, ao fazer questão – a relação sexual não *cessa de não se escrever*, portanto, escreve-se a não

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IV Congresso Internacional de Convergencia Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana, abril/2009, Buenos Aires.

relação sexual – determina tudo o que se elabora de um discurso cuja natureza é ser um discurso falhado.

Para Lacan, a partir do seu enunciado de que a lógica é a ciência do real, Aristóteles abre uma questão. Seus primeiros passos foram dados ao esvaziar os ditos de seu sentido, colocando letras, dando, assim, a idéia da dimensão do real. Deste modo, para traçar os caminhos da lógica, torna-se necessário passar pelo escrito, não *cessa de se escrever*, diz que é necessário escrever essa não relação, a qualquer custo, contudo, o necessário não é o real.

A função do escrito mostra ser de uma dimensão diferente da dimensão do dizer. No entanto, o real é aquilo a que só se tem acesso pela função do escrito, o que Lacan justifica, ao sustentar a hiância que faz a impossibilidade de escrever a relação sexual: a isso é que estamos reduzidos, a não realizá-la. Para sustentar esta hiância, necessitamos da prática do discurso do analista, do que brota pelas ranhuras do dizer verdadeiro, dizer bobagens, as que nos ocorrem no ponto mesmo onde há um furo, para chegar a borderar o real do gozo, onde algo não é inteiramente contingente, que, às vezes e por erro, *cessa de não se escrever*.

No início, dizia que a experiência da análise supõe do desejo sua inscrição por uma contingência corporal, tendo como suporte o falo. Lacan diz ainda que o que constitui o osso do seu ensino é: eu falo sem saber, falo com meu corpo sem saber, digo, portanto, sempre mais do que sei. O saber, enquanto lugar no discurso, é esse saber impossível, proibido; contudo, se o escrevermos convenientemente, ele é dito entre palavras, interdito.

No discurso analítico, o S2 é o saber inconsciente, é o que brota pela ranhura do dizer verdadeiro, é um real. Que haja saber, que, por mais que nenhum sujeito saiba, segue sendo real. O importante é que este saber que segue sendo real é um depósito, um sedimento, que se produz em cada um, quando começa a abordar a relação sexual.

O falo não se escreve, mas serve como instrumento para se escrever. Reanimá-lo, no sentido disso que obstaculiza toda tentativa de desembocar na relação sexual, como móbil do corpo, que, no discurso analítico, se designa como falo, faz com que o que tamponava o gozo fálico separe, no imaginário, o gozo do corpo do A e se efetue a castração simbólica. Triunfe ou falhe, falha quase sempre o que se estabelece entre dois sujeitos, o que se assemelha à relação sexual, algo que *cessa de não se escrever*, para alguns casos raros e privilegiados.

O meu interesse é trabalhar a partir da afirmação lacaniana de que um dizer é da ordem do acontecimento. Particularmente, a questão do nível em que precisaria estar a contingência, esse acontecimento, para chegar a tocar as letras no lugar em que tem entrada o discurso do analista. O dizer não é um acontecimento qualquer, o que torna evidente que esse dizer está implicado no modo como se enlaça o nó borromeo, quer dizer que nem toda palavra é um dizer, porque, se fosse assim, toda palavra seria um acontecimento. Trata-se de um acontecimento que se situa nesse pedúnculo de saber perfeitamente amarrado, que se chama nosso inconsciente, que é freudiano, e que, para cada um de nós, esse nó tem suportes muito particulares.

Para falar dessa modalidade do contingente, algo se apresenta com uma grande dificuldade lógica, algo concernente ao que chamam “o amor”. A crença numa aspiração de que do amor se enfrenta a objeção, da qual não se concebe de que modo o ser seria manipulado a partir de nenhum ente. O ser, quando se fala dele, não é nada e aí desemboca nessa aspiração de que estaria feito a partir de Deus, do amor. O que o discurso analítico nos traz é que falar de amor é em si mesmo um gozo. Neste ponto é que se precisa escrever as letras – a letra da carta de a(l)mor.

É na Tábua da Sexuação que a frase gramatical *não há relação sexual* alcança seu valor lógico. Pelo lado homem, campo das identificações onde o objeto *a*, em forma de *A*, mantém a fantasia de realizar a relação sexual, sonho do neurótico em atingir seu parceiro, dando-lhe consistência como corpo de gozo do *A*, através do amor.

É ao redor do falo que segue girando a não existência da relação sexual. Condição para aquele que fala em análise poder chegar a interrogar a condição de verdade do falo, no limite onde este falo, enquanto instrumento, escreve a relação onde não há.

Pelo lado mulher, a via do contingente, no sentido de que a relação sexual *cessa de não se escrever*, uma mulher por ser não-toda gozo fálico, por um lado pode ter relação com o falo, por outro tem relação com o *S* de *A* barrado, lugar onde vai se apresentar um gozo suplementar, ao se escrever a impossibilidade da relação do Um fazer ser com o Outro.

O que uma mulher introduz, enquanto função discursiva, é escrever aquilo que se pode inscrever justamente por não ser. Se para o homem o amor marcha sem dizer por que lhe basta o gozo, para uma mulher o gozo não marcha sem o dizer, sem o meio-dizer da verdade, que, para os seres falantes, situa a relação sexual como o que não *cessa de não se escrever*.